

ORGANIZAÇÃO:
Daniel Baz e Joselma Noal



a arte no isolamento

I CONCURSO LITERÁRIO CARMEN DA SILVA
REALIZADO EM 2020

© Joselma Noal, Daniel Baz, Alisson Pinto de Oliveira, Cláudia Beatriz Pio Borges, Daiane Carrasco Chaves, Daiane Machado, Daiane Maria Rodrigues Machado, Denis Moura de Quadros, João Vitor Xavier de Lima, Juliana Blasina, Karina Macedo, Kimberlly Isquierdo Bongalhardo, Laura Andrade Fernandez, Lorena Luana Dias da Silva, Lucas Lins, Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues, Marina Todt da Silva, Mariana Kurowiski, Mikael Farias, Paulo Vitor Moreira Rocha, Rita de Cássia Ribeiro Pereira, Rogério de Lima Crizel, Vitória Lima Colares

Todos os direitos reservados

Este e-book integra o projeto de cultura nº 903: I Concurso Literário Carmen da Silva

Coordenadora do Projeto: Simone Tarouco Przybylski

Organizadores: Joselma Noal e Daniel Baz

Ilustrações e capa: Eduarda Silveira

Projeto Gráfico e Editoração: Fernando Rocha/Débora Amaral

Revisão: Daniel Baz

Ficha Catalográfica

A786 A arte no isolamento: I Concurso Literário Carmen da Silva [Recurso Eletrônico] / Organização Daniel Baz, Joselma Noal; Coordenadora do Projeto Simone Tarouco Przybylski; Ilustrações Eduarda Silveira; Editoração Fernando Rocha, Débora Amaral. – Rio Grande, RS : Ed. da FURG, 2021. 48 p. : il. color

Instituições Envolvidas: Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Instituto Federal Sul Rio Grandense - IFSUL (Campus Camaquã), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS (Campus Rio Grande).

Disponível em: <http://repositorio.furg.br/>

ISBN: 978-65-5754-062-6

1. Literatura Sul-Rio-Grandense 2. Concurso Literário 3. Carmen

da Silva (1919-1985) I. Baz, Daniel II. Noal, Joselma III. Przybylski, Simone Tarouco IV. Silveira, Eduarda V. Rocha, Fernando VI. Amaral, Débora VII. Título.

CDU 82(816.5

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos – CRB10/2344

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Pró-reitoria de Extensão e Cultura – PROEXC
Diretoria de Arte e Cultura I da@furg.br

Daniel Baz e Joselma Noal
(organizadores)

A ARTE NO ISOLAMENTO

I Concurso Literário Carmen da Silva



Rio Grande
2021



A arte no isolamento: I Concurso Literário Carmen da Silva ...	5
Um pouco mais sobre Carmen da Silva	6
Apresentação	13
Minicontos	18
Lorena Luana Dias da Silva - Mofo	19
Alisson Pinto de Oliveira	20
Cláudia Beatriz Pio Borges - Quantas Selmas teremos?	21
Daiane Carrasco Chaves – A moldura	22
Daiane Maria Rodrigues Machado – Fragmentos pandêmicos	23
Denis Moura de Quadros	24
João Vitor Xavier de Lima – O pintor	25
Kimberlly Isquierdo Bongalhardo – Empatia	26
Laura Andrade Fernandez – O pano	27
lucas lins – a crise.	28
Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues – A tosse	29
Marina Todt da Silva - O Gatilho	30

Rita de Cássia Ribeiro Pereira – Liberdade	31
Rogério de Lima Crizel – A exposição	32
Poesias	33
Juliana Blasina – Aplainada	34
Daiane Machado – Horizontes incertos	35
João Vitor Xavier de Lima – Meu avô era um artista	36
lucas lins – a grande maçã	37
Karina Macedo	38
Lorena Luana Dias da Silva – PODE R	39
Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues – Máscara branca concreta nos olhos.....	40
Mariana Kurowiski – Cativo	41
Mikael Farias – O canário	42
Paulo Vitor Moreira Rocha – Inércia	43
Vitória Lima Colares – Inimitável	45

A arte no isolamento: I Concurso Literário Carmen da Silva

Este e-book resulta do I Concurso Literário Carmen da Silva que foi promovido pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Instituto Federal Sul Rio Grandense (IFSUL Camaquã) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS Rio Grande). O concurso teve como objetivo revelar talentos literários no meio acadêmico e escolar, abrindo um espaço para a divulgação da escrita literária dos estudantes, professores e técnicos das instituições envolvidas, bem como enfrentar os males ocasionados pela pandemia de Covid-19.

Um pouco mais sobre Carmen da Silva Nubia Hanciau (Setembro 2020)

Gaúcha, nascida em Rio Grande na virada do ano de 1919-1920, Carmen da Silva teve a sorte de viver entre uma pandemia e outra. Contudo, o isolamento não seria problema para essa mulher que aprendeu a viver só, deixando a impressão de que era feliz nesse estado de solitude; relacionava-se com muita gente, cumpria movimentada agenda de palestras, viagens. E se hoje estivesse entre nós, obrigada ao isolamento, prosseguiria em seu trabalho jornalístico e teria tempo, um precioso tempo, para – quem sabe? – mergulhar mais profundamente na ficção.

Célebre por seu pioneirismo, através da seção “A Arte de Ser Mulher”, publicada na revista Claudia durante 22 anos



ininterruptos, Carmen da Silva buscou conscientizar as mulheres sobre seus direitos, sobre a necessidade de independência econômica e emocional. Seus textos eram quase sempre estimulados pelas cartas que recebia e respondia pessoalmente, em torno de quatrocentas a quinhentas por mês.

O I Concurso Literário Carmen da Silva: a arte no isolamento, ao estabelecer um diálogo entre gerações, dá sentido às redes, nossas contemporaneíssimas epistolografias, que se tornam ainda mais relevantes ao enfatizar as possibilidades e a dimensão da conexão. Inspirada pela escritora rio-grandina, a comissão organizadora do concurso teve a iniciativa de reunir poemas e minicontos, de autorias diversas, escritos durante o pico da pandemia da covid-19, lembrando que os vírus não moldam nossa história, cabe a nós decidir como responderemos ao seu desafio.

Longe de renegar o passado, a iniciativa inscreve-se no âmbito das celebrações por ocasião do centenário da escritora, insuflando atualidade, dinamismo e energia ao projeto Carmen da Silva, uma rio-grandina precursora do

feminismo brasileiro, que ganha novo sentido quando o conceito de “conexão” é valorizado, conceito que tem forte dimensão feminista, isso porque para várias mulheres é a única possibilidade de enfrentamento à violência, de sobrevivência. Assim, não fortalecer a conexão, enquanto rede entre privado e público, é assumir posição de descaso com as mulheres e com o perigoso aumento do feminicídio, mais um entre os nefastos efeitos da covid-19 no Brasil e no mundo.

Nesse sentido, é oportuno lembrar o que dizia a homenageada: “talvez mais do que nunca ao longo de toda a sua história, esse indivíduo, homem e mulher, necessita de um refúgio de cordialidade e calor humano, de alguma forma de segurança, uma espécie de base de reaprovisionamento emocional onde renovar no fim de cada dia as energias e as esperanças, um espelho onde recuperar sua face humana”¹.

Ficamos nos perguntando, se estivesse ainda neste espaço, de que maneira Carmen da Silva reagiria frente ao cenário de fragilidade em que se materializam os efeitos da epidemia.

1. Apresentação de Carmen da Silva em: Bardwick, Judith M. Mulher, sociedade, transição (1981).

“O mundo de antes, tranquilizador na aparente imutabilidade de suas leis, de repente tornou-se instável, fluido – à medida que vão caindo por terra as velhas certezas, as normas e instituições caducas que, bem ou mal, nos serviam de âncora, escora, arrimo, bússola, muleta”².

Como a autora desse pensamento veria, quatro décadas mais tarde, o imenso e impensável desafio que vem revelando o avesso do ambiente doméstico, pelo fato de as pessoas “ficarem em casa” durante meses seguidos, acarretando o crescimento da violência contra as mulheres – tema que lhe foi caro, tratado em vários de seus textos –, o descaso em relação a elas e o perigoso flerte com o feminicídio, mais um efeito da covid-19 no Brasil e no mundo?

Cabe lembrar que o isolamento na pandemia também escancarou a desigualdade na economia dos cuidados, tendo em vista a responsabilidade e a sobrecarga do trabalho doméstico, os cuidados com doentes, crianças e idosos predominantemente desempenhados pelas mulheres. Percebida por esse ângulo, “a pandemia tem gênero”, segundo afirmou recentemente a antropóloga Débora Diniz

2. Idem

(Folha de S. Paulo, 06/04/2020) em entrevista onde comenta sobre o fato de que as mulheres perderam “um elo fundamental para a sobrevivência: a conexão com outras mulheres”.

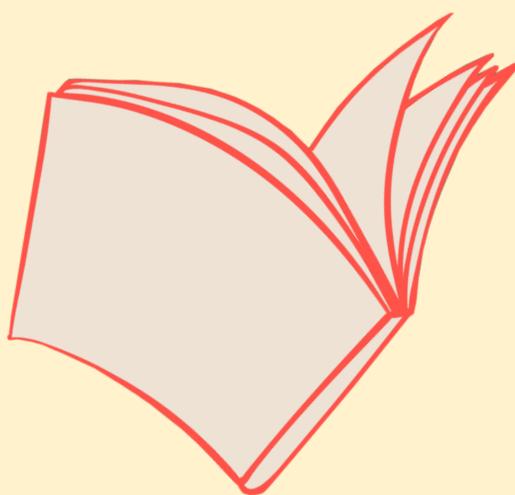
E é por isso que, neste momento de incertezas e inseguranças, muitas pessoas entram em contato com as dimensões de sua própria vida, sua história e seu sofrimento. Tempo complexo, com diferentes perspectivas, tempo em que a cultura ou a conexão com o artístico – que faça sentido para cada pessoa – podem ajudar. Além do impacto pessoal, a arte importa no convívio em coletivo: ela aproxima, apesar da distância; conecta, apesar das diferenças. Por isso mesmo, e mais uma vez, é elogiável a iniciativa de promover o I Concurso Literário Carmen da Silva: a arte no isolamento. Leva-nos a pensar – atenta como nossa escritora foi em relação às questões existenciais – que ela também estaria, certamente, ouvindo as pessoas, colhendo as experiências do isolamento e devolvendo em seus textos, assim como os autores dos minicontos e poemas, reflexões sobre este tempo tão estranho, que já se prolonga.

Na mais grave epidemia em pelo menos cem anos, nesta tragédia que impactou o planeta inteiro, a arte tem exercido papel fundamental de conexão. Foi um dos fatores que mais protegeu as pessoas dos transtornos, contribuindo, sem dúvida, para um melhor estado espiritual e ao mesmo tempo ajudando a elaborar os significados em meio ao isolamento social.

Para o grande escritor francês André Malraux, “A arte é uma revolta contra o destino”. Ao produzir novas formas de ver e pensar a vida e transmitir o sentimento que experimenta, o artista tem o poder de transformar a realidade, daí a importância da abundante troca de informações e da sensibilidade por meio de músicas, vídeos, *lives*, poemas, contos e minicontos, no sentido de estabelecer o diálogo em tempo de caos.

Estão todas e todos de parabéns as/os que idealizaram este concurso e trabalharam para sua realização, as/os que participaram e escreveram minicontos e poemas no pico da crise. Numa época em que nos sentimos tolhidos,

amedrontados, elas e eles viram na adversidade uma oportunidade para compartilhar narrativas gerando generosidade, estimulando sabedoria com a retomada da memória de Carmen da Silva, sua escrita como inspiração: “O verdadeiro antídoto para a epidemia não é a segregação, mas a cooperação” (Yuval Noah Harari, 2020).



Apresentação

Lucilene Canilha Ribeiro (Setembro 2020)

Apresentar uma antologia não é tarefa fácil. A heterogeneidade dos universos compartilhados pode diluir-se em textos que não conversam entre si, poesias e prosas isoladas em um arquipélago de ideias e formas, onde as fronteiras não estabelecem conexões. Mas, ao ler este livro, creio que as leitoras e os leitores, assim como eu, não compartilharão desse sentimento. Unidos em uma proposta temática abrangente, promovida pelo I Concurso Literário Carmen da Silva, artistas das três instituições participantes (FURG, IFRS e IF-Sul) mobilizaram-se em prol de compartilhar com o mundo o seu ponto de vista sobre momento tão ímpar em nossa existência: o isolamento social em uma epidemia global. Entre minicontos e poemas, muitas são as vozes que buscam ressignificar o momento vivido, transfigurando a palavra em oásis.

Dentre inúmeros textos recebidos pelos avaliadores, foram selecionados vinte e cinco para compor esta antologia que tem, como principal função, ser testemunha de nosso tempo e do olhar de artistas alocados em nossa região a respeito das vivências possíveis sob o jugo da covid-19. Em meio a esses, dois textos se destacaram: o poema “Aplainada”, de Juliana Blasina, e o miniconto “Mofo”, de Lorena Luana Dias da Silva, ambas estudantes da FURG. No primeiro, vemos a poeta redimensionar as proporções do isolamento social em versos que se engajam, enquanto tema e forma, na denúncia de dias opressivos e na necessidade de combater esse aprisionamento por meio de uma sensibilidade poética, não esquecendo que o mundo é mais vasto e que a vida é maior do que a quarentena. Na narrativa, o clima rio grandinho se alastra pela página na evocação de um espaço sufocante e úmido para encontrar, ao fim, a redenção na própria literatura. Assim, respirar se torna ato performático de sobrevivência e de resistência.

Ao tratar artisticamente a realidade que nos é imposta, podemos perceber que os textos, além de conversar entre si,

propõe uma visão multifacetada da situação. Em “Meu avô era artista” (João Vitor Xavier de Lima) e “Fragmentos Pandêmicos” (Daiane Maria Rodrigues Machado), apreciamos as delicadezas do cotidiano que emergem com força em momento de reclusão, quando se faz possível, e, por vezes, necessário, prestar atenção nos pequenos gestos. Em poemas como “Horizontes incertos” (Daiane Machado) e “Poder” (Lorena Luana Dias da Silva) sentimos com mais vigor a contemplação no mundo pandêmico e o desejo de reorganizá-lo através dos versos e dos novos ritmos que eles possibilitam. Já em “Cativo” (Mariana Kurowiski), “O Canário” (Mikael Farias) e “Inércia” (Paulo Vitor Moreira Rocha), é notável a denúncia do sufocamento que o distanciamento impõe aos sujeitos.

O universo especificamente feminino apresenta-se tematizado na voz de quatro escritoras. Em um momento histórico singular, as questões de gênero sinalizam que ser mulher em tempos de crise acentuará problemas ainda não desconstruídos de uma sociedade sexista e misógina. As experiências vividas por muitas dessas mulheres, com especial atenção à violência

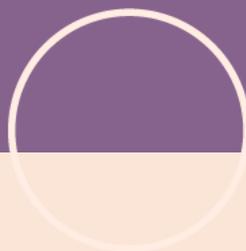
sofrida por elas, são consideradas em “Quantas Selmas teremos?” (Cláudia Beatriz Pio Borges) e “O Pano” (Laura Andrade Fernandez). Por sua vez, “Inimitável” (Vitória Lima Colares) e “preciso dizer que sou poeta” (Karina Macedo) tematizam a força da expressividade poética da mulher, dando voz à resistência delas no enfrentamento de todos os problemas acarretados pela pandemia.

Alguns textos, como “A moldura” (Daiane Carrasco Chaves), “O Pintor” (João Vitor Xavier de Lima), “Liberdade” (Rita de Cássia Ribeiro Pereira), “A exposição” (Rogério de Lima Crizel) e “Empatia” (Kimberlly Isquierdo Bongalhardo) dedicam-se à contemplação plástica do isolamento social como uma forma de superar o momento. Outros, como “a crise” (lucas lins), “A tosse” (Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues), “Quando acordei...” (Alisson Pinto De Oliveira) e “O Gatilho” (Marina Todt da Silva) buscam referências culturais no passado, na tentativa de se apropriar criativamente do presente. O olhar se dilui, se refrata e se projeta tentando atingir a calma em meio ao caos do desconhecido. Em “a grande maçã” (lucas lins), vemos o olhar inquisidor do

observador imóvel que encara o eu-lírico firmemente. No caso de “Máscara branca concreta nos olhos” (Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues), a perspectiva está centrada no presente, escancarando a triste realidade. Por sua vez, em “Quando tudo passar” (Denis Moura de Quadros), o olhar está voltado para as possibilidades do porvir, do futuro pós-pandêmico.

Assim, vozes múltiplas e convergentes tecem a teia do desconhecido na tentativa de decifrar os códigos que nos farão sobreviver aos tempos difíceis. Carmen da Silva disse certa vez que “escrever um livro, seja qual for o gênero, sempre requer certa dose de heroísmo. Pressupõe uma entrega, não raro dolorosa, da própria intimidade. O autor escava fundo em sua experiência intelectual e humana e empreende uma luta corpo a corpo com esse instrumento fascinante, poderoso, fluido e elusivo que é a linguagem.”³ No contexto em que vivemos, as palavras da escritora são certeiras para descrever a antologia que aqui se apresenta como uma experiência coletiva de luta, entrega e criação artística.

3. Texto disponível na página <https://carmendasilva.com.br/site/php/content.php?id=16&idc=79> .



MINICONTOS

Mofa

Lorena Luana Dias da Silva
(miniconto destaque no Concurso)

Respiro livros mofados. Minha vida mofa na estante, meus sonhos também. Tudo está estático. Respirar é um privilégio, mesmo sendo o ar do mofo. Enquanto respiro, penso nas orelhas de Van Gogh: por que não as duas? Organizar a estante de livros é revisitar inquietações como essa.

O tempo em Rio Grande escorre como tinta pelas paredes. Parece uma obra de arte dizendo “Você não está sozinha!”. As paredes secam no sol. Os dias são repetitivos. Imagino como seria entrar na toca do Coelho, desaparecer nas histórias e respirar novos ares. Meus dedos apontam direções diferentes, o corpo diminui, a pele muda. Quem sou Eu? Quem eu era antes do agora?

Deixei de sentir meu corpo, não me reconheço nessa escuridão solitária. A umidade existe dentro de mim. Respiro livros.

Alisson Pinto De Oliveira

Quando acordei, o mundo estava isolado com a arte.



Quantas Selmas teremos?

Cláudia Beatriz Pio Borges

Todos começaram a sair de casa. Selma, sem muita coragem e com muita desconfiança. Pensando: o mundo teria aprendido e estaria melhor, depois de tanta dor e perdas? Mas bastou ir para a fila do ônibus pela manhã para saber o efeito da pandemia. O mesmo caos de sempre! Trinta minutos em pé. No local de trabalho, nada mudara. Era uma semana de Natal comum, cada um mais louco para ser atendido primeiro. As pessoas continuavam se achando a prioridade sem ver o próximo. Ao final do dia, Selma voltou no ônibus lotado com babacas tentando apertá-la, como sempre. O que mudou? Quase nada! Apenas Selma sabia, devia aproveitar a vida que lhe foi poupada o quanto pudesse. Ah, claro, Selma levou um vírus pra casa como brinde, depois de um dia cansativo.



A moldura

Daiane Carrasco Chaves

Isabel pinta seus quadros, solitária em um asilo. Agora, em tempos de pandemia, ela se lembra dos tempos de outras pestes... Paixão era sua moléstia.

Jovem, o marido pescador. Quatro filhos. Ficava em casa enquanto ele ia pescar. O primeiro amor, Evandro, voltara após anos na capital. Não resistiu à tentação.

– Não contem nada! – A cama rangia enquanto os meninos, na sala, não davam um pio por medo da autoridade materna.

A arte de Isabel era o hedonismo. Saiu de casa, deixando as crianças, o menor com dois anos. Durou pouco – Evandro era volúvel.

Se hoje pinta, as telas são silentes testemunhas. O isolamento corrói seu ser. Pensa nos filhos que há muito não vê. Talvez - se tivesse nascido homem - o abandono não fosse tão pesado, mas o remorso, palavra masculina, é feminino.

Fragmentos Pandêmicos

Daiane Maria Rodrigues Machado

A minha casa é a rua! O som alto do carro de polícia passando na rua abafou por alguns segundos o estridente ronco de fome do meu estômago. Eu achei graça do que escutei no alto falante do carro: “cidadãos, fiquem em casa, respeitem o isolamento social, lavem as mãos com água e sabão, usem álcool gel...”. Quem me dera ter uma casa para ficar, pensei eu, contemplando a fria noite.

Um amigo meu, que se chama João, também morador de rua, me cumprimentou e, em seguida, foi para a esquina, agitando os braços e batendo os pés, como se ensaiasse uma dança estranha, assustou uma senhora que passava distraída perto dele. Ele, percebendo a atenção dos que passavam na rua, cantou:

– “O vírus está chegando aí, vai pegar gente pobre e gente rica, que mora em palácio e em palafita! ”



Denis Moura de Quadros

Quando tudo passar, porque sempre passa, a primeira coisa que farei é pegar o trem para sentir e ver: o cheiro de óleo queimado embrulhando o estômago; a lotação do trem sem espaço para entrar, nem sentar, nem nada; assistir às mulheres grudadas nas bolsas-órgãos; aos homens de vagos olhares; e quem sabe encontrar aquela menina que sempre via: roupas surradas, mochila rosa rasgada e suja, cabelos crespos atados em um coque. Nos pés, tênis rasgados. Parece que a vejo: contempla a todos de olhos ferozes, fera ferida pelo preconceito, pelos narizes torcidos e demais olhares que lhe indicam que aquele não é o seu lugar. Eu? Sorrio para ela e o mágico acontece: a boca da menina se abre num colorido e brilhoso sorriso que afugenta o cinza trem. Direi uma palavra e serei salvo.

O Pintor

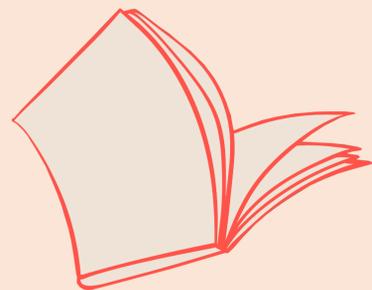
João Vitor Xavier de Lima

No primeiro dia, retratou a si mesmo na tela com seus olhos agoniados de desesperança e medo, um sorriso tosco e cabelos despenteados. No segundo dia, pintou as paredes de verde e sorriu pela primeira vez. No terceiro dia, pintou o chão de vermelho e, mesmo sabendo do medo de cair, sorriu novamente. No quarto dia, pintou o teto de azul, desenhou aves impossíveis e elas lhes contaram piadas sobre a vida. No quinto dia, pintou os móveis e a decoração, organismos agora vivos daquele universo-casa. No sexto dia, pintou seu corpo e seu rosto com um pouco de cada tinta que havia sobrado. Sentiu como se tivesse pintado sua própria alma, e gargalhou. No sétimo dia, exausto de rir, descansou colorido no chão.

Empatia

Kimberlly Isquierdo Bongalhardo

Abriu a porta, mas não saiu na rua. Pintou o mundo apenas olhando pela janela. A empatia de um artista é expressada em sua tela.



O Pano

Laura Andrade Fernandez

A Mulher passa o pano úmido de álcool sobre a superfície do pote de achocolatado mais uma vez. As letras da embalagem já estão começando a desbotar. Uma melancolia a invade intensamente e ela atira o pano para longe.

Nada importa.

Entra na cozinha a maior entusiasta de leite com achocolatado do mundo. A Criança abraça a perna da Mulher com toda a força que a pouca idade permite. A Mulher se abaixa e apanha o pano novamente. Tudo importa.

a crise

lucas lins

sempre estivemos. desde que explodiu poeira brilhante, existe crise. já antes: falta. depois, da existência. em crise, caetano perguntou: existirmos, a que será que se destina? eco em espiral: voltas. pé ante pé ante crise anti choro. ecoamos no som, na luz com sua própria crise: de identidade. onda partícula? nós, crias da crise, pisamos neste mundo e choramos. que é choro senão aceção da crise? reação. daí pra frente: crise. pois somos processo: contém fim. crise da vida, caetano, é obrigação de aceitar o fim e não o querer, mas, ainda, desejar a nuvem de tãato, como diz gal: chuva de prata que cai sem parar, quase me mata...

eu morro de gritar pra que gil me ouça. cadê você, gil? não dá as caras, não atende minha videochamada.

talvez esteja refazendo toda essa guariroba.



A tosse

Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues

Com as mãos no rosto, o grito: “O bicho, meu Deus, era um homem!”.

Entre máscaras e restos de comida: “Cof, cof, cof, cof, cof, cof, cof, cof!”



O gatilho

Marina Todt da Silva

Há oito dias deveria ter virado a folha do calendário. Olhei para os primeiros dias de agosto, perdidos para sempre. Depois, me detive na pintura que ilustrava o novo mês. A Persistência da Memória, de Salvador Dalí. A obra provocou uma série de reações exacerbadas que, eu sabia, não ocorreria se não me encontrasse em situação tão peculiar. Fosse um mês comum, aquela seria apenas a imagem de agosto. Talvez me cansasse dela em algumas semanas; o único mal-estar que me causaria. No entanto, meus olhos se fixaram nos relógios derretendo, que dançavam para mim. Veio o calor e a agonia de estar com o coração acelerado. Do apartamento ao lado, ouvi o apito de uma chaleira. Em segundos, viria aroma de café passado. Lutando para respirar fundo, sequei o trilho de uma lágrima com o dorso da mão.

Liberdade

Rita de Cássia Ribeiro Pereira

Olá, caro leitor! Eu sou Lazier, o pincel de Eliza, uma artista um tanto frustrada desde que a quarentena iniciou. Ela veio algumas vezes ao ateliê, pegou as tintas, olhou para a tela vazia, mas, quando me segurou, Eliza chorou e me largou na bancada.

Pobre Eliza... ela estava tão abalada que nem a paixão pela pintura pôde consolá-la. Mas hoje foi diferente. Eliza entrou no ateliê com determinação, pegou as tintas e, sorrindo, começou a me deslizar pela tela, fazendo grandes riscos rápidos e cobrindo algumas áreas cuidadosamente e sem pressa.

Depois de tudo pronto, Eliza estava radiante. Quando vi a tela, soube que meus olhos nunca contemplaram nada tão bonito. Era uma arara-azul voando em um dia ensolarado.

Eliza havia pintado muito mais do que um pássaro. Ela havia pintado a liberdade.

A exposição

Rogério de Lima Crizel

Estava dando os últimos retoques nos músculos do peito varonil, quando ela surgiu na porta do quarto-ateliê e indagou, com o cigarro na mão:

— Quem é?

— É Eros — respondeu o jovem pintor.

— Pra mim é sempre a mesma cara. Todos se parecem com aquele seu amigo...

— O Gustavo?

— Por que você sempre pinta esses deuses gregos? Acho tão bonito aqueles quadros de paisagem.

— Mãe, eu não sou Monet! Eu não sou os outros!

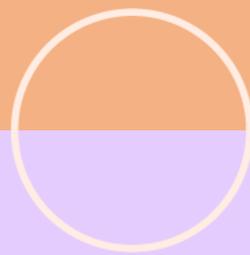
Há tempos queria expor algo mais relevante que os próprios quadros, mas a mãe nunca lhe dava oportunidade, nem mesmo nesses tempos de isolamento social.

— Mãe, e se o Gustavo e eu fôssemos mais que amigos?

Ela permanecia imóvel encostada à porta. Deu mais uma tragada no cigarro, virou-se de costas, e disse, indo em direção à cozinha:

— Tá na hora do café. Você quer torradas?

POEMAS



APLAINADA

Juliana Blasina

(poema destaque no Concurso)

É como se o corpo perdesse
v a g a r o s a m e n t e
a verticalidade

janelas de vidros fechados
desproporcionam lonjuras:
o sol entre as roupas do varal
a lua escondida atrás
da parabólica abandonada por um vizinho morto

o mundo estreitado em setenta metros quadrados
não requer escadas
o teto ao alcance de uma vassoura
a tinta depois a laje depois a telha depois
o céu

em algum lugar lá fora
cem metros mais distante
a cada quarentena dias.

Horizontes incertos

Daiane Machado

O som do sino corta o frio da tarde que se esvai
O badalar das seis teve mais ímpeto do que o do meio-dia
O braço que fez o sino tremer faz parte de uma alma intranquila
Triste figura que se evapora em futuros sonhos
No claustro, encontra-se sentada a solidão de cada um
Ao longe, uma sirene
Há fogo e cinzas em algum lugar
A fumaça, já alta, interrompe a caminhada das nuvens
E o crepúsculo alaranjado ganha matizes de cinza e branco pérola
Brilhou o olhar ao ler um verso
Seu silêncio constrangido palpita na esquina
Em um verso feito sob medida,
Há alguém na janela tentando respirar
Atrás de si fecha-se a pesada porta
E a sombra da ilusão veste um sobretudo azul
Não há ninguém na rua
O úmido do seu baço olhar enregela-se ao vento frio
É tarde
É tempo de refugiar-se
Até quando?
Ninguém sabe.



MEU AVÔ ERA ARTISTA

João Vitor Xavier de Lima

Trabalho a farinha
a água, o sal e o fermento
na rotina dos cuidados:
o observo, o alimento

A espera dos dias não é longa,
o preço é sempre a paciência.
Medidas certas e cálculos
para o que poderia ser ciência

Se ao sair do forno quentinho,
não atraísse o olhar e a presença,
se não aquecesse o coração

Assim, o ofício no meu caminho
mostra, e não há descrença:
é arte fazer o pão

a grande maçã

lucas lins

a grande maçã
do outro lado da sala
me olha
de lado

se não eu quem
a te olhar?

escuta cada suspiro
cada verborragia no texto como quem borda ponta-e-agulha

e
como velha a fiar
me atinge a alma
alternativa.



preciso dizer que sou poeta
porque é como poeta
que sou militante
não aceito o impossível
não aceito que não me respeitem como mulher
que existam outras tantas que sofrem ainda mais
do que eu com a desigualdade
violências que eu jamais senti
não aceito não ter o direito de descobrir
o gosto
o desejo
o futuro
para que estamos
afinal nessa vida além de produzir
me encontro na palavra porque dela insurgem
as reflexões subversivas
faço as perguntas que querem que eu evite
por que o nosso lugar não pode ser na política?
por que machismo e capitalismo?
por que morremos tanto nas mãos de quem diz que nos
ama?
por que não temos o direito de decidir sobre os nossos
próprios corpos?
por que a violência doméstica aumentou em meio a
pandemia?
por que aquele tio violentou durante quatro anos aquela
menina?
por que escrever?

PODE R

Lorena Luana Dias da Silva

Posso sentir as letras no
papel Posso sentir o papel
Se mover como a vida no ar
como o mar Posso
desenhar
o caminhar sem sombra
sem corona Posso
não desenhar
e olhar a palavra C

A
I
N
D
O

Neste branco infinito
e riscar o papel
Posso sentir a arte
transformar a dor em
passado Isso não cabe em
Letra
Em nenhum pedaço de papel A4

Máscara branca concreta nos olhos

Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues

mais

um genocídio

um respirar e um matar

mais um mais dois mais três mais quatro

menos dez menos mil menos um milhão

um aspirar e um salvar

uma gripizinha

menos



Nesse tempo em que é preciso afastar-se de todos,

Me aproximo cada vez mais de mim mesmo

Ao olhar minha figura estampada no espelho,

Com um toque quase narcisista,

Reaprendo e descubro diversos fragmentos,

Pedaços ocultos de um “Eu” esquecido

Sinto-me como um detetive

Com uma lupa enorme buscando pistas

Vestígios que comprovam meu “suicídio psicológico”

Encontro e observo atentamente em minha rotina

Cada gesto que faço por mim

E cada coisa feita por aparências, por pressão

Ao olhar meus punhos,

Meu pescoço e até minha alma

Enxergo feridas abertas e sangrando

Marcas nítidas na pele

De cada corrente imposta a mim

Entro enjaulado, sim

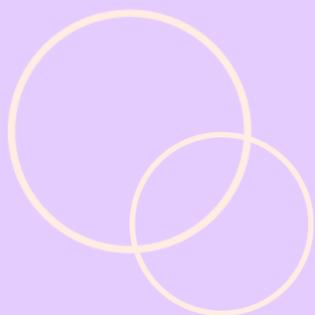
Preso em ideais, regras e padrões

Mas saio livre, voando

Rumo a novos ventos de criatividade

E sobrevoando oceanos de inovações

Vivo agora por mim



Cativo

Mariana Kurowiski

A monotonia dos dias fez com que tudo ficasse cinza.

Os pássaros que vinham na minha janela, não ouço mais.

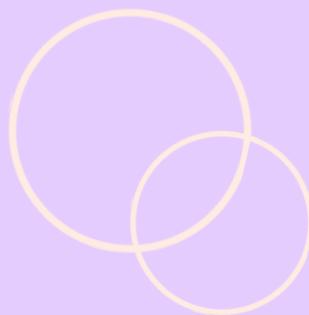
Olhando em volta, vejo a morte, e ela nunca esteve tão perto.

O medo corrói o meu corpo.

Exausto, sigo a rotina,

esperando pelo dia que ainda há de vir,

com cor.



Inércia

Paulo Vitor Moreira Rocha

Hoje fui dia largo
a velocidade do tempo
hoje fui a hora que não passa
cega ao incômodo que dá

Hoje dei exatos 600 passos
contados nos trilhões
de segundos lerdos
presos no próprio tempo

estive tão solto
tão preso ao vazio
de uma tarde de domingo
pouco criativa

cativa de si
de ser dia santo
dia inibido
discreto como o sagrado

hoje fui tão interrogativo
que o tempo que urge por correr
parou as três da tarde
como café da tarde em casa de vó

talvez para dizer que assim como corre
pode roer e ruir até passar
pode até me apagar dele
até ser só vestígio e pó

a comida já fria
a tv que parou
o sono de uma vida inteira
tudo em descompasso

assim foi o domingo
imenso vasto
que basta a si
a mim à meia-noite



Inimitável

Vitória Lima Colares

eu que outrora fui tantas cores
fui pés na areia
fui olhos mirando o céu
fui corpo dançando sob a noite
agora sou só
um corpo beirando o abismo de ser

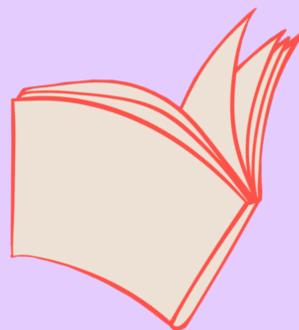
em meio à pandemia
sou feita de saudades e sentidos
me vejo à deriva em um mar de melancolia
estendo a bandeira preta
lá fora, a vermelha
distante da rua
indissociável de mim

vou encolhendo feito bicho acuado
não enxergo nada
só sinto
as lágrimas molhando
a boca secando
os pés congelando
as palavras escorrendo pela ponta dos dedos
então posso ser outra
e ainda assim me ser

porque escrever
é se desintegrar
quando escrevo
sou um mundo inteiro
sou outras mãos que escrevem
e sou todos os olhos
que me leem

estendo a bandeira branca
junção de todas as cores
agora sou pés na madeira
olhos no espelho
inimitável matéria corpórea com um inconsciente que sonha
uma intransponível pulsão

a arte me atravessa
reinventa meus laços, interpreta meus lapsos
me dá voz e não me permite esquecer
que viver arde
mas falar cura



Instituições envolvidas



Universidade Federal do Rio Grande - FURG



**INSTITUTO
FEDERAL**
Sul-rio-grandense

Instituto Federal Sul Rio Grandense - IFSUL
(Campus Camaquã)



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio Grande
do Sul

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS
(Campus Rio Grande)

